

796Rp

MARCELLO CAETANO

CAMINHO DE SANTIAGO  
CAMINHOS DE PORTUGAL  
E DE ESPANHA

PALAVRAS PROFERIDAS EM  
SANTIAGO DE COMPOSTELA,  
EM 19 DE SETEMBRO DE 1970

. 740

796-Rp





CAMINHO DE SANTIAGO  
CAMINHOS DE PORTUGAL  
E DE ESPANHA

Publicado em colaboração com o  
Comitê Nacional de Turismo  
e o Ministério do Turismo

Publicado em 1972 pelo Ministério do Turismo



313/10/1970

MARCELLO CAETANO

# CAMINHO DE SANTIAGO CAMINHOS DE PORTUGAL E DE ESPANHA

PALAVRAS PROFERIDAS EM  
SANTIAGO DE COMPOSTELA,  
EM 19 DE SETEMBRO DE 1970

SECRETARIA DE ESTADO DA INFORMAÇÃO E TURISMO

1970



047  
FIN.S  
S.N.S

CAMINHO DE SANTIAGO  
CAMINHOS DE PORTUGAL  
E DE ESPANHA

Oração proferida  
na cerimónia de investidura  
no grau de Doutor «honoris causa»  
pela Universidade de Santiago de Compostela





Com que surpresa recebi a notícia de que a Universidade de Santiago de Compostela decidira incorporar-me no colégio prestigioso dos seus doutores!

Fechei os olhos por um momento à procura dos méritos próprios que justificassem tamanha honra. E no silêncio desse instante irrompeu na minha memória a imagem da cidade compostelana tal como a conheço vai em trinta anos e a recordação dos meus primeiros contactos com a sua Universidade.

Os caprichos do destino! Quem me diria nessa tarde longínqua de 1943 em que acolhi, numa Lisboa em férias pascais, a juvenil missão cultural que lhe enviava a Faculdade de Direito de Madrid sob a presidência activa e cordial do seu decano Don Eloy Montero, quem me havia de dizer que entre aquele grupo buliçoso de estudantes e assistentes da então chamada Universidade Central eu iria encontrar uma das mais queridas e fiéis amizades que tenho travado ao longo da vida!

Catedrático de Direito Administrativo, fui logo abordado por um dos componentes da excursão que se me apre-

sentou como candidato a seguir a carreira docente na mesma matéria. E começaram nessa altura as relações que com Laureano Lopez-Rodó não mais deixei de manter.

As intenções manifestadas pelo jovem estudioso concretizaram-se em breve prazo — nem Lopez-Rodó é homem que deixe por muito tempo quietos os seus propósitos, sem os passar à acção! Vitorioso nas oposições a que concorreu, foi despachado catedrático para Santiago de Compostela e aqui surgiu animado do seu incansável dinamismo. Creio que a cidade estremeceu com o seu ímpeto construtivo — e ficou-lhe tão grata que o aclamou alcalde honorário. Mas a Universidade também sentiu o fogo do espírito renovador do novo mestre, que logo resolveu adoptar no seu ensino o *Tratado de Direito Administrativo* cujo 1.º volume eu publicara em Lisboa em 1944, com pretensões, não digo revolucionárias, mas em todo o caso largamente inovadoras do método de estudo da disciplina que em Espanha era professada sob a égide e a autoridade do meu inolvidável amigo e respeitadíssimo colega Don José Gascon y Marin.

Don Laureano resolveu traduzir em castelhano o meu Tratado. E foi em plena faina de tradução que eu vim visitá-lo, aí por 1946. Datam desse ano os meus primeiros contactos com a Universidade compostelana e sobretudo com a sua Faculdade de Direito.

Contactos que iriam repetir-se em anos seguintes com enorme alegria da minha parte e intenso prazer espiritual. A Faculdade de Direito de Santiago de Compostela atravessou por esse tempo um período áureo da sua existência, sob o reitorado fecundo do meu ilustre amigo Don Luiz

Legaz y Lacambra. Era um gosto tomar parte nas tertúlias animadas pela inteligência arguta e pelo saber claro do grupo de mestres que nela se encontrava, onde se destacavam o humor original, a vasta informação e o casticismo galego de Don Camilo Barcia Trelles, a par da juventude do malogrado Lopez Amó, de Álvaro d'Ors, de Amadeu de Fuenmayor, de Laureano Lopez-Rodó, de Manuel Serrano e de outros que evoco sempre com viva simpatia e felicíssima recordação.

A esta Universidade vim, assim, pela primeira vez, chamado por Lopez-Rodó: imaginarão, por esse motivo, quanto me comove ver o jovem catedrático de há vinte e cinco anos, neste acto soleníssimo, tornado mestre prestigioso e prestigioso governante do seu País, servir de meu fiador perante o insigne colégio em cujo grémio tenho o privilégio de entrar!

Ao ouvi-lo não pude deixar de dar curso às minhas recordações pessoais. Mas no fundo não é a minha pessoa que está em causa: porque tenho perfeita consciência de que, para além do professor que fui, do amigo desta terra que sou, vós quisestes distinguir o Chefe do Governo português. E que, deste modo, a solenidade académica transcende a homenagem à pessoa para se revestir de alto significado no domínio das relações entre os dois países vizinhos e irmãos.

A homenagem que me prestais destina-se, sei-o bem, a Portugal e insere-se no culto dos sentimentos de fraternidade que desde sempre ligaram os dois povos peninsulares.

Esses sentimentos são mais flagrantes nas regiões de fronteira. Aí existe muito vivo, é certo, o espírito patriótico sedimentado através dos séculos por vigílias e lutas: mas por outro lado predominou na maior parte do tempo a convivência pacífica, com modos de ser, de existir e até de falar que, se não são idênticos, apresentam impressionantes afinidades de ambos os lados da raia.

E em toda a Espanha e em todo o Portugal não sei de fronteira menos divisória e mais unitiva que a do rio Minho. As províncias lusitanas do Norte e a Galiza têm tantas semelhanças de paisagem, de espírito, de folclore, traduzidas na primitiva unidade linguística, que nem o galego pode sentir-se estranho em Portugal, nem o português se considera expatriado quando percorre a Galiza.

Para mais, aqui, em Santiago de Compostela, centro europeu de peregrinação, forjou-se muito do carácter da Europa cristã. De todos os pontos do continente acorriam os peregrinos através das rotas traçadas tradicionalmente para venerar o Apóstolo. E durante o longo caminho, quer calcurriando as estradas, quer pousando nos hospitais, quer reunindo-se nas grandes igrejas do trajecto, iam os homens das várias nações trocando ideias e permutando práticas, num enriquecimento recíproco que haveria de produzir o fundo comum do espírito europeu.

Nesses tempos que a mentalidade de hoje tem tendência para considerar bárbaros, a preocupação dominante de príncipes e povos era a de garantir a paz aos viajantes, facilitando-lhes todos os actos da vida durante as deslocações e criando um direito internacional próprio para

proporcionar aos peregrinos a necessária segurança das suas pessoas e dos seus bens.

Santiago de Compostela foi assim um dos focos da cristandade, irmanando efectivamente os homens na base da esperança na redenção e no valor do sacrifício, e tirando da virtude da caridade, concebida como amor de Deus e do próximo, toda uma doutrina jurídica da hospitalidade.

O tempo recuado das peregrinações realizou aquilo que a humanidade dos nossos dias, orgulhosa da sua supercivilização materialista, não consegue lograr.

As assembleias internacionais esgotam-se a proclamar em frases sonoras princípios que ninguém aplica. E entretanto, desprestigiada a autoridade dos Estados e sem poder a comunidade por eles constituída, perdeu-se, nesta época de turismo frenético, a segurança dos viajantes constantemente à mercê de piratas que dispõem da sua sorte com a certeza da impunidade.

As declarações de direitos do homem não chegam para assegurar a cada um as elementares garantias de vida e integridade pessoal. Os raptos e os sequestros passaram a constituir factos do dia a dia, que uma publicidade imprudente alimenta e que a falta de reacção colectiva eficaz parece estimular.

Sóbram as leis, mas faltam os costumes. As ideias mais sãs parecem enlouquecidas na transposição para a vida. Perverteu-se a justiça. E o desvario da ordem internacional apresenta-nos um mundo anárquico na época em que tudo parecia dever convergir para a unidade e o entendimento do género humano.

O caminho de Santiago pôde ser, durante séculos, o caminho da fraternidade europeia onde homens de todas as nações procuravam pela penitência resgatar a condição humana das suas fraquezas e misérias naturais. Rudes e incultos, na maior parte, o ensinamento cristão dera-lhes a consciência de que a nobreza da humanidade não está no instinto mas na centelha de espírito que nos distingue dos outros seres animais.

Assim Santiago de Compostela nasceu e cresceu com a vocação de chamar e congregar povos, gentes de todos os quadrantes do mundo que na Catedral erguida pela piedade paciente de gerações sucessivas e cuja grandeza se quis digna da majestade divina, encontravam a razão da sua unidade.

Neste ambiente, melhor do que em qualquer outro, se pode celebrar a comunhão dos dois países vizinhos que através da História competiram em generosidade para dilatar a fé cristã, em novos mundos por eles revelados onde semearam e construíram novas nações.

A crítica dos nossos dias nem sempre compreende, toldados como estão tantos espíritos por falsas ideias deformadoras de perspectivas, a crítica nem sempre entenderá tudo quanto os povos peninsulares realizaram na sua gesta ultramarina.

Para homens cépticos é incompreensível o fervor apostólico. Para intelectuais abúlicos torna-se repugnante a acção com todos os seus riscos e perigos — mas também com as suas glórias e triunfos. Seria preferível que os descobridores renunciassem à curiosidade que os levara,

mares além, em busca do desconhecido? Teria sido mais proveitoso não haver conquistadores que à custa de sofrimento e pena devassassem o interior dos continentes misteriosos? Fora mais conveniente que os missionários deixassem as populações pagãs entregues aos seus ritos primitivos e aos seus hábitos cruéis? Haveria o mundo sido mais feliz se os portugueses e os espanhóis não desembarcassem nas terras descobertas, não procurassem o convívio dos naturais, não se cruzassem com os nativos, não transplantassem a sua civilização e não operassem entre os territórios tantas transferências de gente, de plantas, de animais, de ideias e de costumes, refazendo ao redor do globo a ordem da criação?

O que não se pode é refazer a História. Tudo quanto sucedeu pertence a um passado irremediável e constitui a base do presente sobre a qual os homens hão-de construir o futuro. Nessas acções passadas houve muito de política premeditada e planeada mas creio que o seu êxito resultou sobretudo da espontaneidade popular. O mesmo espírito de aventura que levava os homens a sair da sua aldeia e a lançar-se a pé nos árduos caminhos das peregrinações europeias foi o que impeliu os habitantes da beira-mar para a imensidão desconhecida dos oceanos.

Quando hoje tomamos conhecimento dos prodígios de pesquisa, de preparação, de previsão, de organização e de apoio feitos para dar às viagens interplanetárias as máximas probabilidades de êxito — como não admirar os navegadores que, com rudimentares conhecimentos da ciência da navegação, ousavam embrenhar-se em paragens

rodeadas de obscuros mistérios, perdidos na imensidão dos céus e das águas com todas as ligações cortadas com as terras de origem, aonde o regresso ficava dependente da sua arte, da sua coragem — e da providência de Deus?

A acção dos monarcas disciplinou, a partir de certo momento, a gesta descobridora e colonizadora dos súbditos. Mas não estivesse no sangue dos portugueses e dos espanhóis o amor do mar, a curiosidade de desvendar o ignorado, o entusiasmo de espalhar entre os povos descobertos a boa-nova de uma redenção religiosa que lhes fora anunciada pelo Apóstolo venerado nesta cidade, e não sei se a Espanha e Portugal teriam realizado a epopeia de que o mundo lhes é devedor.

Não temos de nos envergonhar da História das nossas pátrias — nem da sua prodigiosa contribuição para transformar o mundo recebido da Antiguidade. Hoje as fantásticas mutações que presenciamos resultam da potência das máquinas inventadas e das energias libertadas sobretudo a partir da cisão atómica. Mas a revolução que os povos peninsulares operaram no globo foi devida essencialmente ao esforço individual: foi fruto da resolução, do sofrimento, da coragem, da perseverança, da fé de seres humanos que deram à empresa o seu sangue, o seu coração, a sua alma. Nestes tempos em que a virilidade é pecado e a heroicidade motivo de escárnio, admiremos a gesta viril dos navegadores e dos conquistadores de quinhentos e orgulhem-nos do legado que o seu heroísmo deixou à posteridade!



Agradeço a todos quantos, espanhóis e portugueses, quiseram dar brilho a esta imponente cerimónia cujo fausto tradicional ficará gravado indelêvelmente na minha memória. E de entre todos permita-se-me que destaque o Senhor Ministro da Educação e Ciência do Governo espanhol, amigo e colega ilustríssimo, a quem se deve já uma notável reforma da educação que espero venha a produzir os benéficos resultados que os seus princípios basilares tão fundadamente prometem.

E como exprimir a minha gratidão ao Magnífico Reitor da Universidade de Santiago de Compostela? Vejo nele o homem de ciência universalmente respeitado. Vejo o amigo que tantas vezes deu provas de afeição pelo meu País. Mas permita-se-me que contemple agora sobretudo o mestre, o educador, o homem consagrado à tarefa difícilíssima de conduzir uma Universidade de tamanhas responsabilidades históricas.

É essa Universidade, a que d'ora avante pertenceo também, que quero saudar em Vossa Excelência, Senhor Reitor, englobando com particular efusão nas minhas saudações todos quantos, professores e estudantes, integram o corpo moral que ininterruptamente se continua desde o século de quinhentos.

Estão as instituições universitárias numa época de profunda transformação. Mas sejam quais forem as mudanças que se operem na sua estrutura e as alterações que se verifiquem nas suas funções, elas não deixarão de ser o ponto de encontro dos homens e das ideias que em cada geração são mais representativos e o lugar onde se

transmite a experiência acumulada das gerações passadas às gerações que se seguem.

Essa experiência não é só a do saber. Os povos não podem viver sem regras morais, sem códigos de costumes, sem princípios normativos da vida social e individual. E as universidades continuarão necessariamente a ser acumuladoras dessas regras e difusoras da sua prática.

Quais venham a ser de futuro os cânones da convivência social não podemos dizê-lo. Cada época tem, não só as suas exigências, mas também as suas modas nas ideologias como nos usos.

Continuo a acreditar, porém, que para além de tudo o que é moda efêmera prevalecerão as constantes da natureza humana. Se é certo que uma dessas constantes é o anseio de perfeição, outra é a tentação da queda. E só no amparo do grupo familiar como na disciplina do agregado político será possível realizar o esforço heróico de valorizar virtudes e manter a vigilância perseverante que contém os vícios.

Entre as virtudes dos homens estão todas as formas do amor — e nestas a amizade ocupa lugar cimeiro. As universidades foram sempre escolas de amizade. Hão-de continuar a sê-lo. Nelas criam os jovens entre si laços que duram para a vida inteira. Nelas se cultiva a compreensão inteligente que é a base do entendimento.

Centro espiritual da Galiza, a Universidade de Santiago de Compostela está fadada para compreender Portugal. Ao desejar-lhe todas as glórias e todas as venturas, ao fazer votos por que as suas escolas sejam, nos

tempos novos, farol que ilumine os caminhos obscuros do futuro, espero veementemente que, aqui como nas outras universidades espanholas, mas, se for possível, mais do que em qualquer outra universidade de Espanha, se faça um esforço constante de simpatia para conhecer e compreender as coisas portuguesas.

A presença, neste acto, das representações das universidades de Portugal, presença que tanto me desvanece e ampara, quer significar também a intenção que as anima de corresponder com iguais propósitos e a mesma decisão aos vossos intuitos. Estamos de resto numa Universidade com largas tradições no intercâmbio cultural luso-espanhol: recordo em particular as bem sucedidas semanas jurídicas durante tantos anos celebradas.

O diálogo entre os dois povos peninsulares tem de ser dos povos e não apenas de governos. E no diálogo dos povos — quem poderá ser melhor interlocutor do que a flor das inteligências que trabalha, investiga e ensina nas universidades? O diálogo que hoje mantivemos neste ambiente solene e significativo é necessário que se prolongue, que prossiga, que continue sempre no mesmo clima de boa vontade, de fraterna amizade e de aberta franqueza.

E para tomar parte nele não encontrareis em mim o Doutor que ensina, mas antes o camarada que de vós se abeira na ansiedade de vos ouvir. Sempre me encantou escutar-vos. Conversemos, pois. Portugal e a Espanha têm muito que falar.



Discurso proferido  
no acto de imposição  
da Medalha de Ouro da Cidade



Senhor Alcalde de Santiago de Compostela:

Sinto-me profundamente honrado com a atribuição desta medalha que o plenário do Ayuntamiento da cidade com tanta generosidade me outorgou.

A palavra eloquente de Vossa Excelência acaba de expor os motivos deste galardão. A verdade é que, por capricho das circunstâncias, sou o primeiro chefe do governo português que nos tempos modernos visita oficialmente a cidade do Apóstolo. E é esse facto sobretudo que tomastes como pretexto para celebrar a tradicional amizade entre Portugal e a Espanha, aqui particularmente acentuada pelas afinidades profundas que ligam a Galiza a Portugal e que através dos séculos fizeram de Santiago de Compostela metrópole espiritual das duas pátrias irmãs.

A minha pessoa apaga-se sob a representação que neste momento me conferem as funções que exerço no meu País. O galardão que o Ayuntamiento votou, recebo-o com reconhecimento por tudo quanto significa de respeito amigo e carinhoso por Portugal e de affectuoso apreço por tantos

milhares de portugueses que, desde tempos imemoriais, constantemente aqui vêm em peregrinação devota ou à procura do sortilégio indefinível que se desprende das pedras venerandas da velha Compostela.

Mas se não posso tomar para mim nada desse galardão, que pertence a Portugal e aos portugueses, talvez me seja consentido que na medalha veja também um destes objectos de devoção que se trazem dos santuários para usar junto ao peito, a fim de ter sempre presente a imagem do santo que se venera e chamar sobre si as graças do Céu.

Porque se nada fiz que mereça o reconhecimento da cidade — esta sim, que merece de há muito a minha devoção.

Com que deslumbramento, sempre renovado em cada reencontro, eu contemplo a Catedral e a visito, constantemente possuído de admiração por tudo quanto nela traduz a sã espiritualidade, a piedade expressiva e o poder criador da alma cristã!

Com que deleite me passeio pelas velhas ruas, algumas emolduradas por airozas arcadas e todas tão típicas, tão carregadas de passado significativo, tão evocadoras da vida imperecível do burgo antigo!

Com que respeito assomo à Rua da Rainha onde a tradição quer ver na sua humildade e na sua doçura a memória da nossa Santa Isabel, por duas vezes peregrina no tempo em que os reis de Portugal se misturavam, de vieira e bordão, na multidão dos fiéis que de todo o mundo acorriam a venerar o túmulo do Apóstolo!



E com que emoção passo de cada vez na Rua de la Troya, imortalizada pela estudantina de Perez-Lugin onde está retratada toda uma época urbana e académica que se nos afigura já longínqua mas que há-de continuar a prender e a comover os leitores enquanto não deixarmos de ter por alimento o «leite da humana ternura».

E as praças, essas praças sortílegas que no silêncio da noite e sobretudo sob o bruxedo do luar dão densidade aos sentimentos e intensidade às emoções, essas praças eminentemente líricas, todas elas dignas de serem chamadas de «los literarios».

Devoto ainda dos vossos jardins me confesso, eu que já tive o privilégio de ensinar na moderna cidade universitária e quotidianamente contemplava, de la Herradura, toda a majestosa paisagem que daí se desvenda por largos horizontes!

E à devoção por Santiago juntarei a minha devoção à Galiza. Esta Galiza que tem de comum com Portugal o sentimento lírico, fruto de um coração sensível à suavidade do céu e aos encantos da terra, verde, carinhosa e íntima que nem por ser madrasta deixa de ser amorável. A Galiza que está presente nos nossos cancioneros medievais, que tão bem compreendemos nos seus escritores, que vivemos nos poemas de Rosalia — e que também nos entende nas nossas feições populares como nas mais autênticas expressões literárias, e lembro aqui o entusiasmo com que o personagem da *Casa de la Troya* advogava o galeguismo de Eça de Queiroz, em cuja virilidade, em cuja ternura, em cuja

ironia e em cujo amor à terra via características virtudes galegas.

Ou não fosse a Galiza um dos raros lugares do mundo cujos filhos sabem, por vivência própria, o que é a indefinível saudade portuguesa — essa morriña que também rói o peito da gente galega!

Senhor Alcalde: creio ter justificado as razões do meu desejo de desdobrar o significado desta medalha, que pode bem ser, simultâneamente, de galardão e de devoção. O galardão recebe-o o representante de Portugal. Mas, para mim, a medalha será símbolo de fé e penhor de amizade. Símbolo da fé que mantenho em que da aliança dos nossos dois países só resultem benefícios para a Península e para o mundo. Penhor da amizade que me une a esta cidade donde guardo tantas recordações imperecíveis, entre as quais ficarão bem vivas as destes dias em que a Universidade e o consistório urbano quiseram cumular-me de requintadas gentilezas.

Iluminado por essa fé, aquecido por essa amizade, quero formular ardentes votos pelo futuro dos dois países peninsulares e pela eternidade do espírito que da cidade de Santiago de Compostela fez um lugar de romagem onde os homens se embriam de certezas e, rasgando limites terrenos, se fortaleciam para a acção com as razões da esperança!



2943

NB



\*EFG0000513163\*



S.N.